

Turismo, gentrificação e transformação nas favelas da zona sul: reflexões retrospectivas e notas para o futuro

Tourism, gentrification and transformation in south zone favelas: retrospective reflections and notes for the future

DOI:10.34117/bjdv7n4-657

Recebimento dos originais: 29/03/2021

Aceitação para publicação: 29/04/2021

Sergio Moraes Rego Fagerlande

Doutor em urbanismo; Professor Adjunto FAU UFRJ

Professor PROURB FAU UFRJ

E-mail: sfagerlande@fau.ufrj.br

Thaisa Comelli

Doutoranda em urbanismo; PROURB FAU UFRJ

E-mail: thaisacomelli@ufrj.br

RESUMO

Ao longo das últimas décadas o Brasil tem vivido um turbilhão de transformações socioespaciais. Ora impulsionadas pelo otimismo com relação à economia e aos megaeventos esportivos, ora catalisadas pela subsequente crise política, econômica, social e de segurança, as mudanças rápidas e drásticas sofridas pelo país vem impactando diretamente o urbano e a dinâmica nas cidades e espaços públicos. O Rio de Janeiro, mais especificamente, tem vivido esse processo de forma aguda, já que alguns dos espaços mais vulneráveis e emblemáticos de pobreza urbana – as favelas – possuem relações ambíguas com fenômenos como o turismo de favelas, a entrada de novos moradores, as diferentes formas de violência e a flutuação de preços imobiliários, entre outros. Nesta pesquisa buscamos refletir sobre tais fenômenos, compreendendo-os a partir de um panorama histórico crítico que aborda algumas transformações nas favelas da zona sul do Rio de Janeiro. Principalmente, por meio de uma análise dos processos de turismo e gentrificação, promovemos uma reflexão sobre o passado e o futuro das favelas do Rio de Janeiro frente a uma nova era de crise e transformações paradigmáticas socioculturais pelas quais passam o país e seus moradores mais vulneráveis.

Palavras-chave: favelas, Rio de Janeiro, turismo, gentrificação, política urbana

ABSTRACT

Over the last few decades, Brazil has been experiencing a whirlwind of socio-spatial transformations: at some point, the country was driven by optimism about the economy and the effects of the megaevents. Shortly after, it was dragged by the subsequent political, economic, social and security crisis. Rapid and drastic changes suffered by the country have been directly impacting the urban dynamics in cities and public spaces. Rio de Janeiro, more specifically, has experienced this process acutely. Some of the city's most vulnerable and emblematic settlements - the favelas - have ambiguous relationships with phenomena such as favela tourism, the entry of new residents, the different forms of violence and fluctuations in real estate prices, among others. In this research we seek to reflect on such phenomena, understanding them from a critical historical overview of

Rio's South Zone favelas transformations. Particularly through an in-depth analysis of tourism and gentrification processes, we promote a reflection on past changes and also the future of Rio de Janeiro's favelas in the face of a new era of crisis and socio-cultural paradigmatic transformations, which the country and its most vulnerable residents are experiencing.

Keywords: slums, Rio de Janeiro, tourism, gentrification, urban policy

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, favelas de muitos países do mundo foram retratadas por meio das *narrativas da ausência*, onde a carência, a pobreza e a falta de recursos eram os únicos fios condutores que uniam assentamentos tão plurais e diversos. Ainda hoje, um dos nomes mais utilizados para descrever estes assentamentos no contexto internacional é *slums*, que segundo a ONU-Habitat¹ são conjuntos habitacionais onde *falta* pelo menos um dos seguintes itens: (1) habitações duráveis e resistentes contra intempéries; (2) espaço suficiente com não mais de 3 pessoas habitando um mesmo cômodo, (3) acesso facilitado à água limpa, (4) acesso adequado à rede de saneamento básico e (5) segurança de posse para evitar remoções.

Também no Brasil estas narrativas ainda persistem nos discursos oficiais e hegemônicos. Órgãos oficiais do Estado, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, utilizam a nomenclatura “aglomerados *subnormais*”² para caracterizar a variedade de assentamentos autoconstruídos que se multiplicam pelo país. A partir destas narrativas, o imaginário de cidade fragmentada e segregada é reproduzido tanto por membros do poder público quanto pela sociedade civil de maneira geral, reforçando o binário “cidade formal” *versus* “cidade informal”, que termina por mascarar dinâmicas e fenômenos mais complexos.

Apesar da conotação negativa, é importante ressaltar que as narrativas da ausência também surgem a partir de evidências factuais. Afinal a precariedade e a vulnerabilidade socioespacial de muitos assentamentos autoconstruídos ainda são realidades e desafios para as cidades contemporâneas. As favelas e periferias, além de abrigarem moradores que não gozam dos mesmos direitos e *status* de cidadania (HOLSTON, 2013), são também resultados de dinâmicas históricas persistentes de produção e apropriação

¹ http://mirror.unhabitat.org/documents/media_centre/sowcr2006/SOWCR%205.pdf

² <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?edicao=16119&t=sobre>

desigual do solo urbano, notadamente nas cidades do sul global (LEVEBVRE, 1991[1974]; SANTOS, 2008 [1979]).

O Rio de Janeiro, com seu relevo e paisagem únicos, acabou se transformando em um ícone mundial deste processo de segregação socioespacial. Um somatório de fenômenos como a peculiar morfologia do terreno, o massivo processo de industrialização e migração no século XX e uma sequência de políticas urbanas higienistas no centro, catalisaram a formação de algumas das favelas mais conhecidas do mundo; muitas delas, inclusive, ocupando terrenos com vistas privilegiadas da cidade (figura 1).

Embora as *narrativas da ausência* e os mitos da marginalidade (PERLMAN, 1977) ainda persistam no discurso hegemônico sobre favelas, novas narrativas também vêm surgindo para pluralizar o entendimento sobre estes espaços. Assim, as favelas passam a não serem mais retratadas apenas como meros *locus* de pobreza, mas como espaços de empreendedorismo, economia criativa, resistência e vitalidade sociocultural; são as *narrativas da potência*. (JOVCHLELOVITCH e PRIEGO-HERNANDEZ, 2013; ROY, 2011).

Figura 01: Vista do alto da trilha ecológica no Morro do Cantagalo. Fonte: Sergio Fagerlande, 2014.



Também o paradigma de ação estatal sobre estes assentamentos se modificou com o passar do tempo. Políticas urbanas pautadas na remoção massiva e forçada são cada vez

menos comuns, dando lugar a políticas e projetos de urbanização e integração socioespacial. A partir de programas pioneiros como o Favela Bairro, foram muitas as experiências e aprendizados, variando desde melhorias nos serviços básicos (água, luz e saneamento) até a construção de conjuntos habitacionais, espaços públicos e complexos esportivos. Além disso, políticas paralelas às de urbanização como o projeto da UPP (Unidades de Polícia Pacificadora) também ajudaram construir um terreno fértil para alavancar novos empreendimentos e iniciativas nas favelas. Afinal, a presença do tráfico e o estigma de violência sempre se apresentou como um dos grandes entraves ao desenvolvimento urbano, turístico, comercial e imobiliário nestes territórios.

Neste sentido, os anos imediatamente anteriores aos megaeventos esportivos (Copa do Mundo FIFA em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016) foram marcos emblemáticos para o alavancamento de novos fenômenos urbanos: com o *boom* de obras e as novas oportunidades que passaram a reverberar em todos os setores da economia. Albergues, restaurantes, bares, casas de show e passeios turísticos passaram a ser cada vez mais comuns nas favelas inseridas em bairros de classe média e classe alta. Moradores destes bairros e estrangeiros também passaram a alugar e comprar imóveis nas favelas, gerando mais diversidade, mas também mais especulação imobiliária.

As transformações nas dinâmicas urbanas ligadas as favelas e suas zonas lindeiras naturalmente reverberam nos demais bairros da cidade (e seus moradores) como um todo, trazendo a luz novas disputas por solo e, principalmente, novas e mais complexas narrativas sobre a cidade. Mas em que medida estes processos transformaram (a curto e longo prazo) as narrativas e as dinâmicas em cidades marcadas pela segregação socioespacial? Este artigo, portanto, relaciona e explora de maneira retrospectiva dois fenômenos que transformaram as dinâmicas socioespaciais em muitas favelas do Rio de Janeiro e especialmente na Zona Sul da cidade: o turismo de favela e o aumento exponencial dos preços dos imóveis (em aluguel e compra), manifestado em uma espécie de gentrificação embrionária. Tal análise cria elos que conectam estes fenômenos entre si e com processos mais amplos de desigualdade socioespacial de longo prazo. Além disso, este trabalho também busca explorar e compreender tais processos a partir de seus potenciais efeitos positivos para a cidade, ou seja, refletindo sobre como a “abertura” das favelas ajuda a construir narrativas contra-hegemônicas e a fortalecer o ativismo urbano local. Finalmente, o artigo explora as atuais tensões residuais deixadas no pós-olimpíadas e reflete sobre o futuro destes bairros com a chegada de novas forças na atual conjuntura sociocultural e política.

Sem a pretensão de descrever ou compreender tais fenômenos por completo buscaremos expor a seguir os principais conflitos, desafios e transformações vividos nas favelas contemporâneas, como resultado de um intrincado jogo de forças entre diferentes atores. O recorte de análise se dá no período entre 2007/2008 e 2018, ou seja, os 10 anos desde a escolha da cidade para sediar a Copa do Mundo até o ano das eleições no país.

2 EXPLORANDO OS FENÔMENOS: TURISMO E VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA

Esta seção se refere a uma pesquisa em curso, dedicada a investigar dinâmicas urbanas nas favelas da zona sul do Rio de Janeiro, principalmente aquelas que sofreram maior impacto devido aos recentes projetos urbanos, políticas de segurança pública e investimentos privados voltados para o turismo e o comércio.

2.1 TURISMO EM FAVELAS: ENTRE A POBREZA EXÓTICA E A VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO A PARTIR DA AÇÃO COMUNITÁRIA

O turismo em áreas de pobreza em si não é necessariamente um fenômeno novo. Durante o século XIX, o “*slumming*” (visitação de áreas de *slum*) já podia ser verificado na Inglaterra a partir de 1840 (FRENZEL, KOENS, STEINBRINK, 2012) e nos Estados Unidos a partir dos anos 1880. Na realidade, a ideia de visitar áreas pobres para se conhecer *o outro* é uma prática valorizada pelo turismo de maneira geral, algo que surge do interesse pelo diferente em relação à própria vida de um indivíduo ou grupo (URRY, 2001 [1990]).

No século XX, o processo de turismo em áreas de pobreza passou a ser catalogado não mais somente no norte global, mas também no sul. Há registros de turismo em favelas na África do Sul nos anos 1970, durante o regime do *apartheid*. Posteriormente, considera-se que a prática ressurgiu simultaneamente na África do Sul pós *apartheid* e no Rio de Janeiro nos anos 1990 (FREIRE-MEDEIROS, 2009; FRENZEL, KOENS, STEINBRINK, 2012); durante a realização da ECO 92 (*United Nations Conference on Environment and Development*) no Rio de Janeiro, alguns grupos iniciaram visitas na favela da Rocinha, estimulando outros guilamentos e o estabelecimento de *tours* por diversas agências comerciais e empreendedores locais.

Neste princípio, o turismo em favelas foi bastante criticado na cidade, pois era realizado em jipes, ou seja, veículos de safari. Ainda hoje, inclusive, há evidências de tais práticas em algumas favelas, com o nome de *jeep-tour*. A ideia do passeio na favela como

algo exótico e selvagem se relaciona com o que muitos consideram como uma exposição dos moradores de favela em uma espécie de “zoológico de pobres”, (FREIRE-MEDEIROS 2009, p.28), onde os moradores (e suas realidades) terminam por ser reduzidos a meras atrações para a curiosidade e deleite do expectador (figura 02).

Figura 02: Cartaz exibido durante visita em favela conduzida por locais.



Fonte: Thaisa Comelli, 2019.

A exposição pouco sensível e descontextualizada dessa parcela da população ainda suscita ampla discussão, fazendo com que o formato do turismo de favelas se modifique constantemente. Atualmente, entretanto, boa parte do turismo de favelas no Rio de Janeiro se dá a partir da base comunitária, ou seja, são os próprios moradores (por meio de associações de moradores, cooperativas ou ONGs), com formação na área, que realizam as rotas e passeios nas favelas.

Nesse contexto, o turismo de base comunitária passa a ser não mais focado somente no turista em si, mas no próprio território, com o objetivo principal de produzir *novas narrativas* (por vezes contra-hegemônicas) sobre as favelas e seus habitantes. Além disso, tais práticas surgem como uma nova fonte de renda para os moradores, algo que raramente ocorre quando grupos comerciais de maior porte estão à frente do processo.

Nas favelas da zona sul do Rio de Janeiro, o turismo de favela contemporâneo apresenta-se como de um emaranhado de agentes e interesses, que em última estância

produzem novas dinâmicas nestes estes territórios. Tais dinâmicas, como já mencionado anteriormente, produzem efeitos ambíguos nas favelas, ora reforçando estigmas e catalisando novas formas de segregação socioespacial, ora promovendo mais oportunidades para os moradores locais.

Nos anos 2000 o surgimento de diversos museus de favela e grupos destinados a disseminar a história e novas narrativas sobre estes espaços também contribuiu para a efervescência do turismo e, inclusive, do ativismo em muitas favelas do Rio de Janeiro. Grupos de turismo de base comunitária em favelas como a Rocinha, Santa Marta, Babilônia/Chapéu Mangueira e Cantagalo/Pavão-Pavãozinho não só mostram aos visitantes as belas vistas do Rio de Janeiro como também trazem informações sobre a morfologia e arquitetura local, a história do assentamento e peculiaridades culturais e artísticas, além de estimular debates e reflexões entre os participantes.

Há, finalmente, duas questões fundamentais que nos permitem compreender o tema do turismo contemporâneo nas favelas do Rio de Janeiro e suas transformações ao longo dos últimos anos: o primeiro está relacionado à paisagem e a localização geográfica das favelas da zona sul; o segundo está relacionado ao surgimento (e crise) da política de pacificação na forma das UPPs, que interferiu diretamente na presença de visitantes externos.

As favelas turísticas, em geral, são as situadas na zona sul da cidade, em encostas de morros e de onde se tem vistas panorâmicas do mar e dos sinuosos maciços rochosos. Entretanto, a importância da paisagem para o turismo nas favelas é, de certa forma, mais um elemento segregador, pois aquelas que não possuem tais atrativos paisagísticos são em geral pouco procuradas pelos turistas. Além disso, nota-se um maior direcionamento de investimentos públicos (principalmente na forma de programas de urbanização de favelas) em territórios com potencial turístico. Exemplo deste processo é o Programa Morar Carioca, iniciado em 2010. O projeto piloto (modelo) do Programa ocorreu nas favelas Babilônia e Chapéu Mangueira, duas das favelas mais turísticas da cidade e ao lado de um bairro com moradores de grande poder aquisitivo (figura 03).

Figura 03: Atual estado de um dos decks/mirantes construídos no morro da Babilônia durante o Programa Morar Carioca.



Fonte: Foto do autor, 2019.

A presença e as disputas entre diferentes facções do tráfico e milícias apresentam-se como fatores que repelem visitantes externos, e nesse sentido, a criação das UPPs em 2008 (como presença física do Estado nas favelas) afetou diretamente a presença de visitantes e, conseqüentemente, o surgimento de empreendimentos voltados para esse novo público.

A política da UPP foi, desde seu princípio, controversa e ambígua (FRANCO, 2014), com denúncias de abusos. Há também relatos de que a UPP, ao controlar as atividades nos espaços públicos, privilegia eventos e empreendimentos voltados para o turismo, enquanto as atividades tradicionais e locais dos moradores são proibidas ou menos estimuladas (COMELLI, ANGUELOVSKI e CHU, 2018). Em contrapartida, há estudos que apontam para uma redução significativa da violência nos territórios de favela onde há UPP, especialmente durante seus primeiros anos de existência (BURGOS et al., 2011).

Figura 04: Tabela com dados de 2010 a 2019. Fonte: Pesquisa do autor

Favelas	Número de albergues									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Santa Marta	-	-	-	1	1	3	3	3	2	1
Cantagalo Pavão Pavãozinho	1	6	7	12	14	17	21	18	15	7

A partir da crise das UPP em 2016/2017 muitas das favelas turísticas voltaram a apresentar conflitos armado, e o turismo de favelas sofreu uma evidente queda, como mostra a queda do número de albergues em duas favelas pesquisadas (figura 04). Ainda

é possível encontrar atrações turísticas (especialmente restaurantes e bares) em favelas com as melhores vistas para a zona sul. Os Museus da Favela também se mantêm fortes e ativos, promovendo encontros locais intra-favela, seminários, visitas coletivas e eventos de discussão por todo o Rio de Janeiro.

Entretanto, apesar destas manifestações positivas, para compreender os novos fenômenos nas favelas cariocas é importante enxergar o turismo não apenas como consequência de uma conjuntura de atores e ações que compreendem Estado, mercado e sociedade civil; nas favelas da zona sul, o turismo é em si mesmo um agente e um dos grandes gatilhos para o processo de especulação imobiliária e, potencialmente, de um lento processo de aburguesamento ou gentrificação nessas regiões. É o que debateremos na seção a seguir.

2.2 ESPECULAÇÃO E GENTRIFICAÇÃO: TEMPORÁRIA OU INEVITÁVEL?

Tal como o turismo, os estudos sobre processos de gentrificação não são recentes e, em sua maioria, surgem a partir de conflitos sociais e étnicos em bairros historicamente mais estigmatizados e pobres na Europa e nos Estados Unidos (SMITH, 2005; ATKINSON e BRIDGE, 2004). Ao longo das últimas décadas, muito se investiga sobre as etapas que antecedem um processo de gentrificação, quem são os atores (ou “gentrificadores”), quais são os mecanismos de transformação do território e quais são os efeitos na cidade como um todo e na população de origem. Em meio a esta diversidade de abordagens, pode-se dizer resumidamente que o processo de gentrificação envolve, essencialmente, uma substituição do perfil original dos moradores por aqueles provenientes de classes mais abastadas/ou com maior poder aquisitivo. Em muitos locais, isso se reflete automaticamente no perfil racial e étnico da região, onde ocorre lentamente um “branqueamento” de um determinado bairro.

Ao longo dos últimos anos, o termo *gentrificação* terminou “viajando”³ para o sul global, fazendo referência a processos de aburguesamento, expulsão branca, ou branqueamento em favelas, periferias e áreas centrais degradadas das cidades (JANOSCHKA e SEQUERA, 2016). Nas favelas cariocas, o tema passou a ganhar notoriedade nos jornais e revistas quando, além da presença massiva de turistas e de novos empreendimentos, moradores estrangeiros e de classe média começaram a alugar e

³ Há debates sobre a terminologia correta para descrever estes processos ou sobre o próprio ato de importar o termo gentrificação, já que os processos de segregação socioespacial no sul global diferem em diversos aspectos daqueles encontrados na Europa e nos Estados Unidos.

comprar imóveis em favelas como o Vidigal e a Babilônia, trazendo o questionamento sobre a potencial expulsão da população original a longo prazo (figura 05).

Figura 05: Reportagem no Jornal “O Globo”. Fonte: Internet

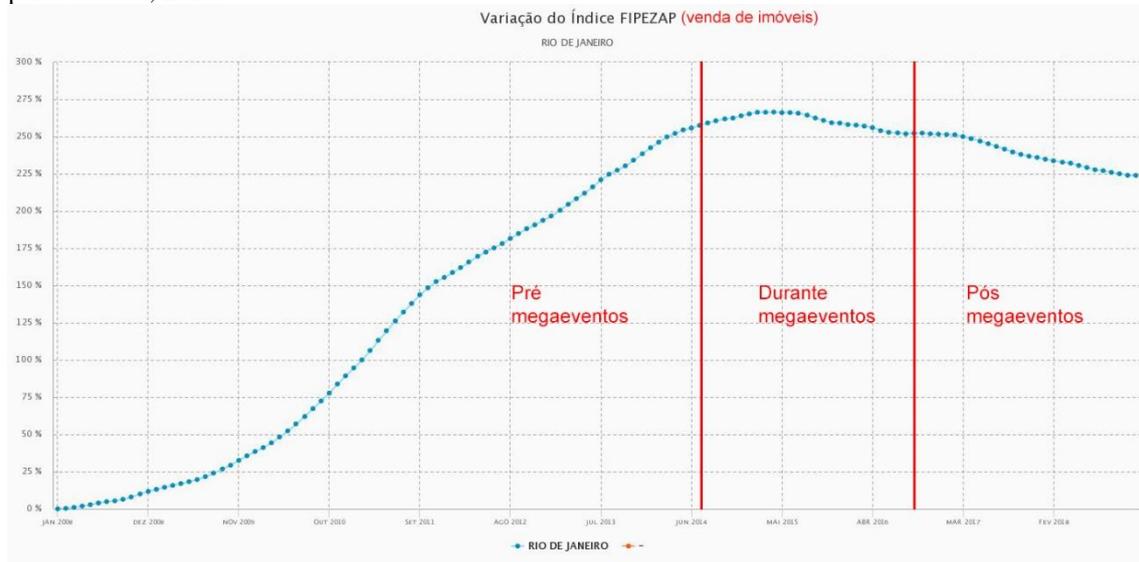


Estudar um suposto processo de gentrificação em uma favela, entretanto, é extremamente complexo. Na maior parte dos territórios de favela, a posse e a propriedade fundiária ainda não foram inteiramente regulamentadas. Os processos de aluguel, compra e venda são feitos de maneira informal e por vezes de maneira intra-familiar. Já os anúncios ocorrem por meio de cartazes, panfletos e, mais recentemente, através das redes sociais. A informalidade na transação das propriedades e dos alugueis torna difícil uma compreensão mais aprofundada sobre possíveis transformações no perfil socioeconômico e demográfico das favelas. Entretanto, a própria presença de empreendimentos turísticos, o aumento da especulação imobiliária na cidade como um todo e os relatos extensivos de moradores apresentam-se como fortes evidências de que, ainda que a gentrificação não seja um fenômeno completo ou definitivo nas favelas, ela é no mínimo uma força latente e embrionária, capaz de expandir-se a partir de uma conjuntura propícia (COMELLI, ANGUELOVSKI e CHU, 2018).

Assim, da mesma forma que as políticas de segurança e a paisagem geram condições propícias para o florescimento do turismo em favelas, por sua vez, o turismo gerado a partir de certos condicionantes também se apresenta como um grande propulsor para a subida dos preços imobiliários nestas regiões. Somado a isso há também a constante presença de programas e projetos urbanos, os quais, inevitavelmente, melhoram a qualidade física dos espaços públicos (e por vezes privados) destes assentamentos e os tornam mais atrativos, legítimos e palatáveis para os moradores estrangeiros e de classe média. Em outras palavras, se a longo prazo há um território de favela urbanizado,

pacificado e com uma das melhores vistas da cidade, o que mais faltaria para alavancar seu potencial imobiliário?

Figura 06: Variação do preço dos imóveis no Rio de Janeiro entre 2008 e 2018. Fonte: Fipe-Zap. Adaptado pelos autores, 2019.



Recentemente, contudo, tal como ocorre no campo do turismo, a especulação imobiliária no Rio de Janeiro e, conseqüentemente, o embrionário processo de gentrificação nas favelas voltou a desacelerar (figura 06). Além dos novos conflitos em territórios antes pacificados, muitos dos legados dos investimentos dos megaeventos e dos programas de urbanização de favelas não passam por manutenção e já se encontram deteriorados; é o caso dos teleféricos, por exemplo. Apesar disso, as favelas continuam crescendo (em sua maior parte verticalmente) e, com elas, o potencial imobiliário que sempre esteve presente nestes territórios.

No caso do turismo, apesar da presença de forças estigmatizantes, podemos observar o crescimento das contra-narrativas e de manifestações de ativismo (como o turismo comunitário) que nos permitem compreender os efeitos positivos deste fenômeno no cenário urbano. Já no caso dos altos preços imobiliários e de um potencial processo de gentrificação nas favelas, não há ainda mecanismo ou força em movimento para impedir que esse fenômeno adquira mais força. No entanto, ainda há muito a ser feito para compreender com profundidade a particularidade do mercado de terras e habitação nas favelas, e como esta dinâmica pode mudar com a regularização de propriedades e novos programas de segurança.

2.3 DEBATES FINAIS: O FUTURO DAS FAVELAS A PARTIR DE 2020

Neste artigo, buscou-se desenhar um panorama das recentes transformações sociais, culturais e econômicas vividas pelas favelas da zona sul do Rio de Janeiro e seus moradores a partir de dois importantes fenômenos de impacto urbano: o turismo e a gentrificação. A partir de uma análise retrospectiva desses processos observamos que os anos que precederam os megaeventos foram canteiros experimentais para novas políticas, novos projetos e novas formas de ler as favelas em meio a cidade. Primeiramente é importante notar que, apesar de todos os entraves enfrentados pelas comunidades em favelas, houve nas últimas duas décadas um contínuo de políticas públicas e urbanas voltadas para estes territórios, as quais foram capazes de superar, pelo menos até certo ponto, as narrativas da ausência e o paradigma de remoção predominante no passado. Há, portanto, inegáveis avanços no que tange o direito à cidade, mesmo que esses avanços sejam lentos e não constantes.

Em alguns casos, entretanto, políticas voltadas para favelas trouxeram benefícios significativos, mas também criaram intensas polêmicas e conflitos. Tais políticas, como é o caso da UPP, tiveram efeitos ambíguos nas favelas, ora contribuindo para uma maior “abertura” do território para novas oportunidades, ora oprimindo, disciplinando e até matando moradores. Vemos assim que uma conjuntura de fatores, que reuniu diversos agentes e interesses, propiciou um *boom* de turismo nas favelas da zona sul do Rio que durou aproximadamente 10 anos. Este processo foi especialmente catalisado durante os megaeventos, quando a quantidade de empreendimentos e instalações voltadas para o turismo atingiu seu ápice. O fluxo de turistas, aliado a melhores condições de infraestrutura urbana e um crescente processo de especulação imobiliária também criou um terreno fértil para uma espécie de gentrificação embrionária nas favelas, o que, apesar de agora estagnado, pode intensificar a segregação socioespacial à longo prazo.

Apesar de todas estas transformações, sejam elas positivas ou negativas para os moradores negros e mais pobres das favelas, a recente recessão e crise política pelas quais passam o Rio de Janeiro e o Brasil geram dúvidas quanto ao futuro das políticas públicas e fenômenos em favelas como as do Rio de Janeiro. Afinal, seremos capazes de manter este contínuo de políticas públicas voltadas para favelas? Serão tais políticas segregadas do ponto de vista operacional e institucional (urbanização, segurança, meio ambiente); ou serão integradas? Serão investimentos realmente inclusivos, participativos e abrangentes? Conseguiremos levar adiante os aprendizados passados, desenhando políticas mais transformadoras e sensíveis do ponto de vista social e democrático?

Neste sentido, 2020 mostra-se como um momento emblemático no Rio de Janeiro; um ponto de inflexão para novas políticas porvir. Como exemplo deste momento, temos o novo programa criado pelo governo do estado, o Comunidade Cidade, que tem a Rocinha como projeto piloto. Somente nesta favela, o projeto contará com um investimento de mais de 1,5 bilhão⁴ e pretende tratar de questões de saneamento, mobilidade, resíduos sólidos e habitação, além de alguns projetos específicos não concluídos ao longo das duas fases do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) neste bairro. O programa ainda está na fase de planejamento e, portanto, requer análises futuras quanto à sua execução e impacto no território.

O aspecto preocupante do momento atual, entretanto, é que as políticas de segurança e urbana parecem não mais dialogar entre si e não fazer parte de um esforço nacional conjunto, algo que vinha sendo construído nas últimas décadas. Além disso, há sinais de retrocesso em termos de provisão básica de direitos humanos nas favelas, o que é significativamente mais grave se comparado às pressões de turismo e gentrificação supramencionadas. No Complexo da Maré, por exemplo, que também foi contemplado pelo Comunidade Cidade, há relatos de mortes inocentes causadas por franco-atiradores em helicópteros com a convivência e presença ativa do governador do Estado⁵.

Além disso, o governo também anunciou em suas redes sociais que o Comunidade Cidade representará uma “nova imagem para as UPPs do estado”⁶, sugerindo uma reformulação da política urbana voltada para a defesa dos policiais e agentes. Nesse sentido, tratar-se-á a “nova” UPP de uma política verdadeiramente pacificadora? Ou presenciaremos uma intensificação de uma *necropolítica* (MBEMBE, 2003), incentivada pelo poder público? Quanto aos fenômenos que marcaram o período dos megaeventos no Rio, o que estas novas políticas poderão representar para os temas do turismo e da gentrificação? Como criar mecanismos para potencializar os efeitos positivos de tais fenômenos e mitigar os negativos?

Quanto à ação da sociedade civil, apesar da crise política e socioeconômica supramencionada, vemos que as organizações independentes nas favelas continuam ativas e, inclusive, reativas. Apesar da falta de recursos e da retomada do crescimento de

⁴ A ação e o investimento foram divulgados pelo governo do estado em reunião com os moradores da Rocinha no dia 04/09/2019. A reunião foi presenciada in loco por uma das autoras deste trabalho.

⁵ <https://oglobo.globo.com/rio/moradores-da-mare-dizem-que-policia-disparou-de-helicoptero-durante-operacao-23648929>.

⁶ Declaração produzida na página oficial do governador Wilson Witzel no facebook em 19 de Dezembro de 2018.

estigmas relacionados aos moradores, os museus de favelas, ONGs e grupos/coletivos de ativismo urbano seguem crescendo nas mídias e redes sociais. Tais atores são produtores de narrativas contra-hegemônicas ou alternativas às da ausência e aos mitos da marginalidade, não mais somente os receptores passivos de ajudas externas e programas de assistência do governo. Estas visões alternativas e potentes sobre novas formas de ler, construir e apropriar-se do urbano são potencialmente mecanismos de resistência aos modelos hegemônicos de urbanização atuais, mas talvez a semente de novos aprendizados para a construção de cidades mais sensíveis e inclusivas.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Rowland, BRIDGE, Gary (Eds.). **Gentrification in a global context**. London: Routledge. 2004.

BURGOS, Marcelo B., PEREIRA, L. F. A., CAVALCANTI, M., Brum, M., AMOROSO, M. “O efeito UPP na percepção dos moradores das favelas”. **Desigualdade & Diversidade**.-Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, 11, 49-98, 2011.

COMELLI, Thaisa, ANGUELOVSKI, Isabelle, CHU, Eric. “Socio-spatial legibility, discipline, and gentrification through favela upgrading in Rio de Janeiro”. **City**, Taylor & Francis Online, v.22(5-6), 633-656, 2018.

DE OLIVEIRA, S. S. R.. “A “Batalha do Rio de Janeiro” e a representação da favela”. **Essa**, p. 11, 2003.

DUARTE, Luiza. Favela Bairro: êxito ou fracasso das políticas públicas de urbanização? In **Olhar virtual**. Rio de Janeiro: UFRJ, Ed. 143. Recuperado de www.olharvirtual.ufrj.br > 2006 > imprimir > id_edicao=143, 2006.

FRANCO, Marielle. **UPP–A redução da favela a três letras**: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. UFF. Niterói, 2014.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje**: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Editorial FGV, 2009.

FRENZEL, Fabian; KOENS, Ko; STEINBRINK, Malte (ed.). **Slum Tourism**: poverty, power and ethics. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2012.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente**: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JANOSCHKA, Michael; SEQUERA, Jorge. **Gentrification in Latin America**: addressing the politics and geographies of displacement. *Urban Geography*, 37(8), 1175-1194, 2016.

JOVCHELOVITCH, Sandra; PRIEGO-HERNANDEZ, Jacqueline. **Sociabilidades subterrâneas**: identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro. Unesco, 2013.

LEFEBVRE, Henri; NICHOLSON-SMITH, Donald. **The production of space** (Vol. 142). Blackwell: Oxford, 1991 [1974].

MBEMBÉ, J. Achille; MEINTJES, Libby. **Necropolitics**. *Public culture*, 15(1), 11-40, 2003.

PERLMAN, Janice E.. **O mito da marginalidade**: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ROY, Anaya. Slumdog cities: Rethinking subaltern urbanism. **International journal of urban and regional research**, 35(2), 223-238, 2011.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: ed. USP, 2008 [1979].

SMITH, N. **The new urban frontier: Gentrification and the revanchist city**. London: Routledge, 2005.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2001 [1990].